

Cidade do fascínio ou da frustração?

A história no olhar de quem vive Brasília foi contada diariamente pelo *Caderno 2* com depoimentos sobre este Ano 30

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Quando vi Brasília pela primeira vez disse a Niemeyer que a cidade valia enquanto arquitetura escultural, mas nada além disso. Brasília é antitropical, anticológica e um exemplo de modernismo que nada tem a ver com o Brasil".

Esta declaração certamente faria parte do depoimento do sociólogo Gilberto Freyre à coluna *Ano 30*, do *Caderno 2*, caso ainda vivesse. O pesquisador e ensaísta morreu, porém, em julho de 87, aos 87 anos, deixando registrados em livros como *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mocambos* e *Novo Mundo nos Trópicos*, suas idéias sobre a arquitetura brasileira. A opinião sobre Brasília, ele expressou em 11 de março de 1987, quatro meses antes de morrer.

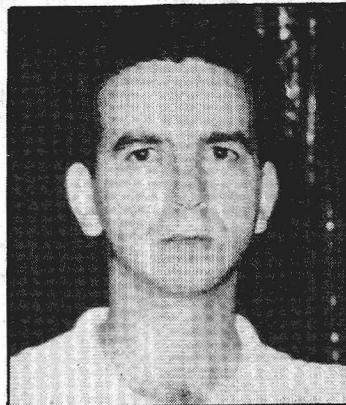
Por que lembrar, justo hoje, dia do 31º aniversário de Brasília, opinião tão severa e destoante das odes que os admiradores da cidade lhe tecem, a cada dia? A razão é simples. Durante um ano, o *Caderno 2* ouviu depoimentos de cerca de 300 moradores da cidade (para a coluna *Ano 30*) sobre suas relações com o espaço urbano, os bares, as superquadras, as satélites e os monumentos *nieméricos*. Muitos deles ouviram a pergunta — Você concorda que Brasília é uma cidade fria, sem esquinas, segregadora? Ou ainda: você sente saudade do mar, sofre com a aridez do cerrado na época da seca?

Neste momento em que a Codeplan (Companhia de Desenvolvimento do Planalto) divulga dados quentes (e surpreendentes) sobre a composição populacional da cidade, nada melhor que depois de lembrá-los, reler quatro, pelo menos quatro dos depoimentos que constituíram alguns dos melhores momentos da coluna *Ano 30*.

Muitos brasilienses — A Codeplan revelou que o Distrito Federal tem, hoje, 1 milhão 722 mil e 190 habitantes. Destes, a maior parte vivem em Ceilândia (381.733). Depois — e só depois — vem o Plano Piloto (329.261). Taguatinga é a terceira (240.382). Samambaia, que nasceu outro dia, deixa a bucólica e quase centenária Brazlândia "no chinelo" (a primeira tem 141.407 habitantes, contra 45.439 da segunda). O Gama é a quinta da lista (138.684). O Guarã, a sexta (113.068). A centenária Planaltina, a sétima (79.705). O Cruzeiro, que

Momentos apaixonados do Ano 30

Eurico Rocha, estilista, artista plástico e cenógrafo. "Cheguei em 68, vindo do Rio, e fui morar na 308 Sul. Adorei, me sentir como num filme de ficção científica, em alguma civilização avançada. Os carros, os jardins, os prédios e as crianças livres num imenso céu puro. A cidade é moderníssima, aliando o selvagem e a natureza ao trabalho do homem (a arquitetura das vias, dos postes...). A sensação é de que a cidade se espalha pela natureza, equilibradamente. É uma volta ao campo, mas com antenas parabólicas. E isso eu busco na moda que faço. Criar vestimentos que traduzam esse novo ser. Brasília nos assegura uma certa saúde física e psíquica e uma grande liberdade para criar".



Eurico Rocha

Luís Felipe Torelly, 35, vice-presidente da Federação dos Arquitetos do Brasil. "Tendo uma relação muito próxima com a cidade, que vi nascer. Estou aqui há 30 anos, vi árvores sendo plantadas, os prédios construídos. Uma relação, portanto, visceral. Mas a visão que tenho, hoje, como adulto, não tem nada a ver com a do Felipe criança e adolescente. Agora percebo como Brasília é uma cidade segregadora, elitista, discriminatória. Aqui verificamos um verdadeiro *apartheid espacial*. Não nego que a cidade é confortável para um determinado segmento da população, aquele que tem alto poder aquisitivo. Moro numa superquadra (a 206 Norte) e vejo que esta estrutura é ótima para as crianças, que estabelecem boas relações de vizinhança. Já os adultos não se interagem. E isto acontece pelas características segregacionistas da cidade. Não vou a clubes porque, aqui, eles refletem o *classismo*: uns são dos militares, outros dos jornalistas, outros dos bancários, etc. Prefiro o Beirute, um ponto de encontro saudável, que frequento há 20 anos".



Luiz P. Torely

Mariana Alvim, 81 anos, psicóloga, neta do ilustrador abolicionista Ângelo Agostini. — "Adoro esta cidade, que conheci quando estava em construção. Cheguei para ficar, em oito de abril de 1960. Gosto da obra de Oscar Niemeyer (como ela, uma das figuras históricas do PCB), me encanto com as superquadras e a beleza das árvores. Até gostaria que Carlos Lacerda, inimigo de Brasília, estivesse vivo para ver árvores tão frondosas. Afinal, ele costumava dizer que, aqui nem grama brotava. Só



Mariana Alvim



Vera Pinheiro

lamento que o projeto original não tenha sido integralmente executado. Todas as quadras têm espaço reservado para um jardim de infância e, de quatro em quatro, para uma escola parque. Até hoje, só três foram construídas. Espero que o Cauma esteja zelando pela preservação das áreas escolares, livrando-as da especulação imobiliária. Tenho, porém, algumas restrições a Brasília. Discordo da setorização excessiva. Por que só se pode construir hotel em lugar pré-determinado? Outro problema grave: o Teatro Nacional, obra maravilhosa, ficou acuado entre uma pista de alta velocidade, a enorme silhueta dos bancos e as luzes de um shopping. Em Paris, cidade deslumbrante, o Teatro da Ópera fica no centro de grande praça, sem que nada perturbe sua visibilidade".

Vera Pinheiro, diretora da Cidade da Paz e ex-secretária de Cultura do DF. "Tenho uma relação de profundo amor com Brasília, até por-

que um de seus construtores foi meu pai, José Ferreira de Castro Chaves, responsável pelo Catetinho. Ele morreu em outubro do ano passado (1989) e me deixou ainda mais próxima da cidade. Conheci Brasília em 1958, quando não passava de grande canteiro de obras. Em 64 mudei-me para cá, na companhia de meu sogro, Israel Pinheiro, que reassumiu cargo na Novacap. Até 66, moramos numa casa de madeira, no Lago Sul. Em 84, voltei para Brasília em companhia de meu marido, Israel Pinheiro Filho, eleito deputado federal. Gosto demais daqui. Meus passeios preferidos são ao Catetinho, meu "santuário, minha pedra de Meça", à Granja do Ipê, sede da Cidade da Paz (aberta à visitação nas quartas-feiras); e à Ermida Dom Bosco, a primeira construção da cidade. Registre aí que depois da reforma, a Catedral, que era perfeita, recebeu violenta intervenção perdendo sua singeleza e muito de sua beleza".

com vistosas barracas na rua) são uma força das mais significativas. Somados os que chegam de vários estados da grande *nação* nordestina, a estatística se mostra elevada. Vistos, em separado, os dados perdem em grandeza. A Bahia, o Piauí e o Ceará, por exemplo, têm, aqui, 15% da população brasiliense (cada um com 5%). Outro dado impressionante: o Rio de Janeiro, que para cá mandou milhares de funcionários, só atinge o índice de 4%. Isto significa que carioca é esperto. Vem para cá, trabalha, ganha dinheiro e volta para usufruir das belezas do Rio, em especial do grande mar Atlântico que banha suas costas quentes.

Niemeyer — Falar de Brasília, seja com goianos, mineiros, nordestinos ou brasilienses, é falar de Oscar Niemeyer. As formas de suas colunas, a beleza de seus palácios e a monumentalidade de suas edificações continuam despertando paixões e críticas. Em Brasília há um grupo de arquitetos (Fred Hollanda, Luís Felipe Torelly, Marcelo Montiel, entre outros) que respeita a beleza plástica de suas criações, mas tece sérias críticas à funcionalidade de seus palácios, museus, memorial e panteão.

Os partidários de Niemeyer, porém, continuam majoritários e militantes. Entre eles, está o cineasta Alberto Roseiro Cavalcanti, um carioca de 41 anos, radicado em Brasília desde 1962.

Para Alberto, "Niemeyer" é — como costuma afirmar Darcy Ribeiro — o brasileiro que continuará conhecido no ano 2000". Aos que cobram do arquiteto a realização de obras de menor custo para atender às camadas populares (já que é um socialista confesso), Cavalcanti responde: "Todo grande artista, ao longo da História, foi mantido por poderosos mecenas. Foi assim com Phidias, na Grécia Antiga, com Da Vinci, Michelangelo e Rafael, na Renascença. A Arte, embora seja essencial ao homem; no plano do cotidiano e é dispensável".

Alberto que fotografou algumas das seqüências do filme *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho, o mais fundo mergulho — via celulósida — já feito na história da cidade, permite a Niemeyer carregar contradições. Inclusive a que Vladimir registrou no filme (o arquiteto, aborrecido com a insistência do cineasta em saber se ele tomou conhecimento do massacre de operários da Pacheco Fernandes, exige que a câmara seja desligada).

ainda não perdeu a cara de bairro, é a oitava (62.365). Núcleo Bandeirante (51.890) e Vila Paranoá (49.214) ocupam a antepenúltima e a penúltima vaga na lista.

A grande surpresa da pesquisa é comprovar que os brasilienses

são quase maioria da população (41%). Depois deles (com 11%) vêm os mineiros (quem nasceu em Patos de Minas e Coromandel, por exemplo, sabe que estas cidades quase se acabaram, quando da construção de Brasília, tantos foram os que

emigraram). Como não poderia deixar de ser, os goianos, que cedem parte de seu território, ocupam o terceiro lugar (8%). Os nordestinos, tão presentes em Ceilândia (cidade que mantém suas feiras ao ar livre e seus raizeiros e pimenteiros